

Germinal



N.º 2 — ANO I
10 de Janeiro de 1915

«Nenhuma revolução pode fazer-se sem evolução prévia.» — ELISEU RECLUS.

Publica-se nos dias 1, 10 e 20 de cada mês

DIRECTOR, EMILIO COSTA. — PROPRIEDADE DO GRUPO GERMINAL. — EDITOR, MARIO COSTA.

(Declaração exigida pela lei de imprensa em vigor.)

Avulso 1 ct. (10 rs.) — Assinatura: serie de 12 numeros, 12 cts. (120 rs.)

Comp. e imp. nas OFFICINAS GRAFICAS — Rua do Poço dos Negros, 81

Redacção e administração — Rua da Barroca 51, 3.º — LISBOA

A bomba-panacêa

A explosão da rua do Borja que ha dias deu a morte a um homem e feriu gravemente outro, veio aumentar a já longa lista das tragedias a que tem dado lugar a propaganda e a organização revolucionaria pela bomba. O desastre foi mais um produto do ensinamento revolucionario, dado pelos agitadores republicanos, pois foram eles que, com a ditadura franquista, generalizaram, senão introduziram, o uso da bomba explosiva como arma de combate contra a tirania governamental.

Se havia país onde se não empregasse esta arma, era Portugal. Todos que, nos ultimos dez ou quinze anos, se tem interessado pelas questões politicas e sociais, que estavam a par do que ia pelos outros países, sabem que isto é verdade.

Embora aos olhos de muita gente, a bomba explosiva ande ligada á palavra anarquista, quer por ignorancia quer por velhacaria, o que é certo é que ela não constitue, sobretudo em Portugal, um elemento de tradição revolucionaria dos anarquistas. Largos anos de propaganda contava o anarquismo em Portugal, quando o uso da bomba explosiva se generalizou neste país, tendo atravessado periodos de agitação e de perseguições.

Se a bomba se tornou em Portugal como que uma instituição revolucionaria, é uma instituição republicana, burguesa e não anarquista; á organização revolucionaria republicana cabe, pois, a respectiva responsabilidade.

Mas a explosão de ha dias veio-nos indicar mais alguma coisa.

Em primeiro lugar, diz-nos que continua sem solução o problema da liberdade politica, ainda que os senhores que governam afirmem, natu-

ralmente, o contrario, e que a administração publica continua sendo de tal especie, que se mantem nos espiritos uma agitação enorme, reflexo da agitação da politica partidaria que tudo absorve, impedindo que a vida colectiva se normalize nos seus varios aspectos.

Em segundo lugar, mostra-nos que é tempo de cada um de nós tratar de demonstrar a inefficacia de semelhante processo de combate, que nenhuns resultados uteis tem dado. Não somos dos que candidamente supõem que tudo se resolve sem violencia. Sabemos que as conquistas da liberdade e outras regalias só se podem fazer, a valer, revolucionariamente. Mas por isso mesmo, é que nos doe que se malbaratem energias, tempo e dinheiro em tentativas, cujos resultados, como se tem visto, se voltam, em regra, contra os seus autores.

Pois não haverá mais nada a fazer de util, quer em defesa da Ideia, quer em defesa da Republica — um motivo muito invocado — do que fabricar bombas?

Pretende o Germinal viver dos seus proprios recursos e para isso ha de empregar os melhores esforços; mas, enquanto não o consegue, necessario é que os amigos e camaradas não lhe faltem com o seu auxilio moral e material.

As comadres

Para afervorar a fé republicana dos cidadãos, nestes tempos sombrios de guerra e outros flagelos, a edição nocturna da *Lucta* vem apontando historias, que prometem ser lindas, — os *camions*, o bacalhau para Loanda, os fornecimentos para o exercito sem concurso, os 1.500 contos de titulos das congregações, etc. Aponta e a mais não passa. Por isso mesmo os nossos votos não cessam: que jámais se acomodem as comadres!

Os anarquistas e a guerra europêa

A precipitação de julgamento e a mentalidade religiosa, aquella, em parte efeito desta, a que me referi no artigo anterior, provêm principalmente, ou de pouca preparação scientifica ou de se viver demasiadamente fóra do mundo exterior á ideia e a tudo que com ella se liga directamente.

A falta de preparação scientifica produz a tendencia para as noções absolutas, para a concepção simplista dos fenomenos sociaes, com todos os seus erros inevitaveis. O viver alheado, produz a ideia falsa ou tendencia para ella, de que o que dizemos e fazemos, nós e os nossos amigos, tem uma importancia muito maior, nos seus efeitos, do que realmente possui.

Habituo-nos, sem darmos por isso, a não nos interessarmos por aquillo que directamente não interessa á ideia que defendemos e a julgarmos que mais ninguem tambem por essas coisas se interessa; e reciprocamente, que ha muito interesse, por parte dos outros, por aquillo que nos prende e nos apaixonou. Cria-se assim uma ilusão, que conduz facilmente a erros grandes, quando repentinamente nos encontramos em face da realidade: erros de apreciação e de acção. E' por isso que, os que assim vivem, são quasi sempre pouco adaptaveis, sofrendo com a necessidade de alguma coisa fazerem fora do seu meio habitual e fazendo-o portanto contrafeitos, com pouca persistencia e, naturalmente, com pouco exito.

Quer isto dizer que os homens que assim procedem, procedem mal ou são inuteis? De modo nenhum.

Pelo contrario: Estes temperamentos são necessarios, porque é, em geral, nelles que mais pura se encontra a ideia,

no que respeita aos principios que as formulam, constituindo elementos da reacção contra os exageros a que pode levar a facilidade de adaptação de outros.

Isto quer dizer que não devemos pôr de parte nenhuma forma de servir a ideia, que todas podem ser muito uteis, conforme os servidores e as ocasiões, mas que por isso mesmo tambem nenhum de nós deve, *sem dados suficientes*, censurar e anatematizar os outros, que não pensam e não procedem como nós.

O que ahi fica mal e ligeiramente esboçado, aplica-se a toda a gente, como fenomeno de psicologia geral, a que os anarquistas não podiam fugir, pois são feitos da mesma massa que o resto dos mortaes e tendo com elles muitos mais pontos de contacto de que se poderá julgar. Creio que este é um preconceito muito generalizado entre os anarquistas: o de que elles se diferenciam enormemente dos outros individuos, preconceito perigoso e que deve ser combatido. Confunde-se o que se deseja ou o que se devia ser (sendo possivel) com o que se é, com o que se pode ser. Ha muitas ilusões a este respeito, que não é para agora procurar analisar e desfazer.

Depois de publicado o anterior artigo, em que me referi á carta de Malatesta na *Freedon*, li o artigo deste camarada publicado em *Tierra y Libertad* ultimo numero, (30 de dezembro) intitulado: *Anarquistas que olvidam sus principios*.

Por lhe ter visto referencias, tinha grande curiosidade em o ler, tanto mais que o artigo é a exposição das ideias de Malatesta sobre a atitude dos anarquistas perante a guerra. Parece, e assim deve ser, atendendo á pessoa do autor, que

este artigo é uma das melhores exposições que se tem feito, em contrario da attitude defendida por Kropotkine, Malato e outros. Por isso mesmo, merece a pena ser analisado para que a opinião de cada um se torne cada vez mais consciente e se vá, pouco a pouco, desbravando terreno para a estrada que conduz á verdade, estrada longa e difficil, em que *todos* temos que trabalhar. Depois desta feita, quem poderá dizer qual é a pedra ou a pá de areia com que contribuiu para a sua construção? Obra commum, mais que nenhuma, nella ficarão confundidos erros e acertos de *todos*, da combinação dos quais sahirá alguma coisa que contém tudo que fizemos, mas que será diferente daquillo que cada um de nós pensou.

Pois se sabemos que assim é, porque assim nos é ensinado pelo estudo da evolução e da psicologia social, para quê tanta acrimonia, tanta divisão? Porque não havemos todos de fazer acto de contrição, confessar que se tem cahido em exageros lamentaveis, que este estado de coisas só virá a aproveitar ao adversario comum, e mudarmos de sistema de critica, quebrando arestas, procurando, acima de tudo, a verdade, mesmo contra nós proprios, contra as nossas opiniões anteriores, corrigindo pouco a pouco o mal que se tem feito?

Neste momento lembro-me do que escrevi no artigo anterior, a este respeito, em que me mostrava sceptico sobre o entendimento a fazer. Deixei-me levar pelo que mais desejava que succedesse e reinci de em falar de harmonia, de boa camara-radagem, de tolerancia reciproca...

Mas acabou-se; o leitor perdoará a reincidencia e desculpará o tempo que lhe tomei com as minhas caturrices, aguardando já agora, para o proximo artigo, a análise do citado artigo de Malatesta. O *Germinal* é pequeno e ha mais coisas a dizer.

(Continua).

Emilio Costa.

Corrigindo

No n.º 1, alem dos erros de caixa inevitaveis, pela confusão ortográfica a que a ultima reforma não conseguiu subtraírnos, tres houve que é necessario rectificar. São: no artigo — *Os anarquistas e a guerra europeia*, "o tempo, o dinheiro e a inteligencia de que impõem" por "o tempo, o dinheiro e a inteligencia de que dispõem"; — no artigo — *Augusto Blanqui*, "Foi um dos primeiros que... ousavam matar a tradição de Babeuf" por "Foi um dos primeiros que... ousaram reatar a tradição de Babeuf;" e no artigo — *Mancha da "Kultur"*, "nós exclamamos por vez" por "nós exclamamos por nossa vez."

Os bons catolicos

Ha dias que os jornais se ocupam da prisão do arcebispo de Malines, que é o cardeal Mercier. Tem feito imenso barulho esta prisão, levantando clamorosos protestos, segundo se diz, em todos os meios catolicos da Europa, mesmo na Allemanha, onde o facto tem sido considerado, pelos catolicos, como um grave erro cometido pela politica allemã. Em novos telegramas dos grandes orgãos, lê-se o seguinte:

Roma, 7 (atrazado). — Nos centros do Vaticano, corre o boato de que o Papa chamará o cardeal Mercier a Roma para lhe confiar um alto cargo em qualquer congregação. A confirmar-se este facto difficilmente o imperador Guilherme II se oporá a ele, sem romper as relações com o Vaticano.

*
Amsterdam, 8. — Um telegrama de Bruxellas, via Berlim, desmente formalmente que o cardinal Mercier tenha sido preso e que o mesmo tenha succedido aos ecclesiasticos que leram a carta pastoral d'aquelle prelado.

Como se está vendo, o caso assume proporções grandiosas de grave conflicto diplomatico que pode custar amargos de boca ao Kaiser e seus acolitos.

Mas porque todo este barulho e toda esta indignação dos catolicos? Foi torturado o cardeal? Não; se sofreu a prisão, foi esta, certamente o mais doce possivel. Mas é que se trata de um cardeal e arcebispo!

Teem morrido ás centenas e sido maltratados e torturados, padres belgas e francezes. Pois essas centenas de casos de morte e tortura não valeram, para os bons catolicos, a começar no piedoso papa, o que valeu uma simples detenção do arcebispo.

A igualdade e a humildade cristãs, ahi estão a manifestar-se em toda a sua plenitude, constituindo este caso, o mais tipico ezemplo do que valem os catolicos, se estes patuscos ha muito tempo se não tivessem dado a conhecer como os mais completos tartufos do universo. Mas é bom ir mostrando estas coisas, para não se amortecer no combate que é preciso dar-lhes sem treguas.

A carestia da vida

Uma comissão, representante da União Operaria Nacional e das Associações Operarias do Porto, acaba de traser a publico uma circular, convidando as colectividades do proletariado a encetarem, coordenado com o dela, um movimento de protesto e reclamação para se conseguir o barateamento do custo da vida. Para já, a comissão lembra a distribuição de manifestos, com sessões de protesto nas sédes das colectividades e com comicios publicos efectuados nos lugares mais populosos, a fim de interessar no movimento o maior numero de operarios.

Toda a correspondencia sobre o assunto deve ser enviada para a travessa de Liceiras, 133. — Porto.

Primeiras letras

ECONOMIA SOCIAL

A palavra *economia*, que, na linguagem corrente, equivale a parcimonia, — economico se diz de todo o forreta — é composta das duas palavras gregas *nomos* e *aícos*, lei e casa, e significa leis da casa. A palavra *politica* deriva-se da palavra, grega tambem, *polis*, cidade.

De sorte que, aproximando estes tres membros esparsos, e tendo em atenção a sua origem, a economia politica seria a sciencia das *leis da casa politica* e compreenderia tudo que se relaciona com a arte de governar, com a politica.

Mas ha muito que o fim desta sciencia não está em harmonia com a etimologia do seu nome.

Pondo de banda a diversidade de definições em que nos emaranham os tratadistas, e as quais vão desde "sciencia que se ocupa da formação, distribuição e consumo das riquezas", na frase de Say, até "fisiologia da sociedade", na expressão de Oliveira Marreca e de Kropotkine, podemos dizer, com J. Garnier, que a *economia social* ou *sciencia social* considera as leis que presidem ao desenvolvimento das sociedades humanas, e investiga quais são os meios de tornar essas sociedades felizes e poderosas. E compreende, entre outras sciencias morais e politicas, como dantes se usava dizer, a *economia politica* ou simplesmente a *economia*, isto é a sciencia da riqueza, que tem por fim determinar como a riqueza é e deve ser produzida, repartida e consumida no interesse de toda a sociedade.

Entende-se pela expressão *riqueza*, *riquezas* ou *bens* tudo o que serve para satisfazer as nossas necessidades, os nossos prazeres materiais ou morais. As riquezas são de duas especies: *naturais* e *artificiais* ou *sociais*. As riquezas naturais são dadas *gratuitamente* e com profusão pela natureza: o ar, a luz, a agua, a força expansiva do vapor, etc. As riquezas artificiais ou sociais são o fructo de um concurso de meios *não gratuitos* e não se obtêm senão com trabalhos, economias, e sacrificios. Exemplo: os alimentos, os vestidos, as casas, etc.

E' bem de ver que estes dizeres singelos não significam que ha uma economia politica definitiva. Assim como as definições, varia a doutrina de autor para autor ou de grupo para grupo, consoante os respectivos interesses ou paixões.

Em toda a sciencia, escreve Bronilhet, seguindo De Lounay, haverá sempre tres maneiras de ver os fenomenos: uns vê-los-hão tais quais eles são; outros tais quais eles evoluem; e outros através das trans-

formações subitas por que eles passam. Em sociologia os primeiros serão conservadores, os segundos evolucionistas, e os ultimos catastrofistas. Nesta divisão tri-partida do pensamento economico, teem lugar, hoje em dia, a Escola Liberal, defensora dos interesses ou das posições mais ou menos fortes do capitalismo, a Escola da intervenção e da solidarieidade, que inspira em diversos países os politicos radicais e a escola socialista.

Abc.

Novos impostos

Parece que é para acudir aos gastos — 40 a 50:000 contos — com a participação de Portugal na guerra europeia, que o governo se dispõe ao agravamento tributario. Ao que se diz, entre os novos impostos figuram taxas de exportação e adicionais ás contribuições sumptuaria, de registo, predial e industrial. Quere dizer: — Os governantes republicanos deixam a forma hipocrita do aumento surdo de contribuições em que teem vindo a espantear-se, para se lançarem abertamente no caminho da exigencia de mais tributos. Pois se já não iam mal, assim irão melhor.

Partido socialista

Passa hoje mais um aniversario do partido politico dos operarios portugueses. Sempre roido por lutas intestinas, constantemente menospresando o proprio decoro, de continuo a queixar-se de não o deixarem medrar os adversarios, a sua vida, que podia ser, em certo modo, util á emancipação operária, tem decorrido sem grande prestimo para os trabalhadores. Ha, na sua camada nova, elementos capazes de lhe darem força? Muito estimaremos vir a reconhecê-lo.

Sem trabalho

Andaram agora ahi outra vez em bolandas os operarios sem trabalho. Coisa pouca afinal de contas, pois que tudo parece ter serenado só com a mudança de uma repartição, a leitura de dois ou tres projectos legiferos, e a confecção de novos modelos das guias. Antes assim. Mas o diabo é a crise operaria ir em aumento...

Acidentes de trabalho

Em reunião dos delegados das associações operarias, foi no dia 5 apreciada a lei dos accidentes de trabalho e nomeada uma comissão de 11 membros para propor algumas emendas ao mesmo diploma, a qual se divide em tres sub-comissões: central, propaganda e de emendas. A comissão resolveu prevenir todas as colectividades de que toda a correspondencia lhe deve ser dirigida para o largo do Poço Novo, 27, 2.º